

UM TOQUE DE HUMANIZAÇÃO NUMA EDUCAÇÃO TECNICISTA

Autores

Fabiane Aparecida Rovina Ferreira

1. Introdução

Ao longo do tempo estão ocorrendo modificações no mundo do trabalho, como uma exigência por parte do profissional que vai além de uma formação especialista.

São desafios que o mercado de trabalho impõe, favorecendo a necessidade de uma educação profissional através das escolas técnicas/profissionalizantes, mas que possibilite, além da formação técnica específica, o desenvolvimento de habilidades que possam diferenciar este profissional do modelo arcaico taylorista.

Para que haja a formação de um profissional responsável e ético, deve-se incentivar a criatividade, a autonomia e a capacidade crítica, propiciando a formação profissional que a sociedade requer.

Na nova ordem econômica mundial, a educação profissional desempenha um papel estratégico na formação de mão-de-obra especializada, acirrando a competitividade que já é própria do mundo do trabalho.

Ao pensar numa educação escolar contemporânea que foi desenvolvida para atender aos interesses e necessidades capitalistas, mais precisamente num sistema político neo-liberal em que a ênfase se dá na individualidade, na igualdade e liberdade dos homens, é válido refletir a respeito de qual homem pretende-se formar neste contexto.

Nessa direção (CASTANHO,1989) aponta que numa sociedade humana, os aspectos sociais e de trabalho devem ser considerados e a pessoa deve se encontrar no trabalho e descobrir tanto a relação cooperativa quanto a amizade entre as pessoas.

Nesse sentido pode-se afirmar então que, a educação é uma prática social que propicia o desenvolvimento dos indivíduos em relação ao seu meio sócio-cultural através de conhecimentos e habilidades necessárias ao seu cotidiano e, portanto, existe a possibilidade de fazê-la de forma mais humanizada, mais rica, tendo em vista que independente do sistema ao qual estão inseridos, os indivíduos não vivem isolados e sim são seres em constante relação.

Inicialmente, é necessário deixar claro que a educação nunca, jamais, é uma atividade socialmente neutra. Pelo fato de situar-se numa estrutura social e política, ela atende aos interesses de alguns e não de outros. Sendo assim, o processo educativo se faz em meio às contradições, especialmente no tocante às instituições sociais e é por conta dessas contradições que se pode vislumbrar possibilidades de mudanças em que o educador desempenha um papel crucial neste processo.

Nesse sentido, é fundamental que o professor fique atento para a realidade social à qual pertence os seus alunos, partindo daí para a construção coletiva de uma nova forma de ser educador, inovando e conduzindo o aluno rumo à autonomia e à cidadania.

Um educador é o que procura realizar as possibilidades que a educação tem de colaborar na conquista de uma realidade social superadora das desigualdades, é um escavar no hoje à procura daquilo que hoje pode

ser feito, pensando num amanhã que encontra-se em gestação, que não possui certezas, mas certamente possibilidades, (CORTELLA ,2001).

E para que isso tudo ocorra, é necessário um planejamento para se conhecer as reais possibilidades de mudança, sempre considerando que o homem pode atuar sobre a realidade que está posta e transformá-la.

Nesse caso, a educação têm um poder de ser conservadora ou transformadora e para isto é necessário que o educador pergunte-se sobre qual educação pratica e a quem deseja servir.

Sobre isto LIBÂNEO(2004) comenta que entender a educação como mero ajustamento às expectativas e exigências da sociedade existente, significa desconhecer a constituição histórico-social do conceito de educação e que os modelos sociais que dominam são definidos pelas classes que detêm o poder político e econômico.

Sendo assim, vale então investir num processo educativo em que enfatiza-se as relações mútuas onde os indivíduos são desafiados a aprender e a construir saberes.

Para Paulo Freire (apud BARRETO,1998), um defensor da educação humanizadora, o diálogo é um instrumento de suma importância ao educador, pois somente assim abre-se a possibilidade de conhecer as diferentes formas de saber o que os alunos possuem, ampliando em muito o campo de conhecimentos. Para ele, ensinar é a forma que toma o ato de conhecer que o professor necessariamente faz na busca de saber o que ensina, para provocar nos alunos seu ato de conhecimento também. Por isso, ensinar é um ato criador, um ato crítico.

Dessa forma, este trabalho possibilitou a reflexão acerca da atuação do professor que mesmo inserido numa realidade voltada ao mercado formador de trabalhadores treinados a executarem tecnicamente suas funções, pode-se investir num processo mais humanizado, onde enfatizam-se as relações e não pura e simplesmente a técnica.

2. Objetivos

O presente estudo teve como objetivo a discussão da atuação de um professor de Psicologia numa escola técnica/profissionalizante, no sentido de verificar a pertinência dessa disciplina para a formação destes profissionais.

3. Desenvolvimento

O trabalho se pautou nas observações ocorridas em 15 encontros realizados nos cursos Técnico em Radiologia (noturno) e Técnico em Farmácia (noturno), respectivamente, em uma escola técnica profissionalizante na cidade de Piracicaba, totalizando 30 horas/aula no período de março/2006 a maio/2006, exigidas para a finalização e legitimação do estágio de Licenciatura em Psicologia da Universidade Metodista de Piracicaba.

Para analisar a prática de ensino da professora assistida, foram observadas as interações educativas ocorridas em ambas as salas de aulas, utilizando-se de registro cursivo para posterior discussão com a professora/supervisora da disciplina da licenciatura e finalmente a análise dos dados, considerando as relações professor-aluno que culminaram num relatório final.

É importante mencionar que o público atendido por esta escola é constituído por alunos concluintes do ensino médio e que pretendem adquirir um conhecimento técnico que possibilite uma atuação profissional independente de uma formação de nível superior.

São alunos de classe baixa e média baixa, que já trabalham e necessitam buscar aperfeiçoamento técnico em sua atuação profissional ou ainda, aqueles que desejam aprender um novo ofício para migrar de sua ocupação atual para outra mais rentável ou mais prazerosa.

A professora que foi observada tem formação em Psicologia, concluído há 3 anos, e atua exclusivamente no campo da docência na respectiva instituição, lecionando as disciplinas de Ética Profissional e Introdução à Psicologia nos cursos técnicos de Enfermagem, Radiologia e Farmácia.

4. Resultados

É fato que as instituições escolares normalmente não oferecem condições adequadas às necessidades de ensino. Há atualmente, um sucateamento no que concerne ao espaço escolar e tudo o que o cerca. Desde a mobília, muitas vezes deterioradas; funcionários mal treinados, mal remunerados e não comprometidos com o trabalho. Falta uma boa formação para os professores que, muitas vezes, adquirem o diploma por mera "obrigação estatal", não apreendendo de fato o que poderia realmente fazer a diferença em sua prática cotidiana escolar.

No entanto, independente destas condições externas, a motivação do professor tem que ser intrínseca. Esse, deve e pode, repensar a sua prática e refletir sobre qual é o seu papel social, podendo sim, se for do seu agrado, empenhar-se numa prática docente humanizadora, mesmo em meio a toda essa adversidade social e estrutural.

Em meio a toda essa contradição que se apresenta, em que a professora observada possui uma atuação humanista numa escola que visa a formação de profissionais altamente técnicos e competitivos, ficou claro o grande esforço que era demandado e a dedicação da professora em propiciar uma "abertura", um espaço entre as diferentes disciplinas técnicas, conquistando os seus alunos através de sua atuação, de seu carisma e de sua competência, conseguindo assim proporcionar um toque de humanização numa educação tecnicista.

Em sua atuação docente, demonstrou carisma perante aos grupos (Técnico em Farmácia e Técnico em Radiologia), autoridade e conhecimento teórico/prático sobre as aulas ministradas.

Sobre o conteúdo programático das aulas, tanto no curso Técnico em Farmácia, quanto no Técnico em Radiologia, os temas elencados eram bastante relevantes, pois a ênfase se dava na humanização das relações para que o curso, que a princípio é caracterizado como técnico, passasse também a ter o "olhar" voltado para a pessoa que será atendida pelos futuros profissionais, proporcionando um modo de ver e atuar que podemos qualificar como "humanista", indo além do tecnicismo puro inerente a tal formação.

Por conta de sua formação em Psicologia, enfatizava o tempo todo que, independente da preocupação técnica, tal como operar o aparelho de raio-X ou ainda, preocupar-se única e exclusivamente em encontrar a medicação nas prateleiras, seus alunos deveriam primeiramente, perceber a pessoa que está à sua frente, com suas dores, suas reservas e sua história, acolhendo-a se necessário, tranquilizando-a, para

conseguirem realizar a operação técnica com maior competência.

Vale mencionar que a mesma demonstrou preocupação com o conteúdo a ser transmitido, inclusive acrescentando artigos de revistas, jornais e demais informações que fossem complementares ao assunto exigido no plano de ensino.

Quanto à metodologia das aulas, pode-se dizer que a professora é bastante criativa pois, não se utilizou somente de aulas expositivas, possibilitando aos alunos o desenvolvimento de trabalhos em grupo, seja através da apresentação em seminários temáticos ou de dramatizações de situações cotidianas num ambiente profissional, culminando numa discussão coletiva sobre o tema abordado.

No caso dos cursos observados, pôde-se colocar em prática essa forma de pensar no momento da atuação dos alunos nos estágios obrigatórios para a finalização dos cursos, já que estas profissões envolvem integralmente pessoas no seu cotidiano.

5. Considerações Finais

A partir dessa experiência real vivenciada e relatada nesse artigo, faz-se necessário, então, pensar numa forma mais humana de atuar na área escolar, pois, é nesse contexto que se adquire grande parte dos conhecimentos que serão utilizados por toda a vida e dessa forma, ao internalizar além de conhecimentos, cultura, valores e comportamentos, a educação pode ter uma função transformadora da sociedade, tornando, quem sabe, a vida em suas relações, muito mais engrandecedora, mais amistosa e harmônica, onde o compartilhar seja uma prática real e constante.

Vale esclarecer que a prática educativa, mais especificamente o ambiente escolar, é uma realidade criada, idealizada e vivenciada por seres humanos. E quanto à referência a humanizar este ambiente, para que não haja ambigüidade ou contradição nesta proposta, faz-se necessário esclarecer que não basta um ambiente ser conduzido ou freqüentado por pessoas que, muitas vezes, agem de modo a efetuar as suas tarefas e nada mais. Na verdade, o termo humanizar, tornar humano, vai além da classificação da raça humana, é proporcionar uma forma mais cooperativa entre as pessoas, é "convidar" as pessoas a reconhecerem-se em suas necessidades, desejos, limitações e capacidades, possibilitando, assim, uma forma diferenciada de relacionar-se, respeitando o outro para ser respeitado.

Uma vez que o ser humano é um estar-junto em todas as instâncias e situações, é compartilhar, é aprender coletivamente através das interações sociais, mas não com a finalidade da competição e sim visando à solidariedade, ao enriquecimento da humanidade, disseminando os seus saberes na tentativa de construir um mundo melhor.

Pode parecer romântico, ingênuo até, esta forma de reconhecer que o espaço escolar possa se dar de forma mais humana. No entanto, ao discordar do sistema econômico, educacional e social vigente, o primeiro passo é a problematização do fato em si. Partindo da discordância, coloca-se em suspensão os valores atualmente vangloriados (competição, esperteza, memorização, etc.), para poder imaginar uma forma diferenciada de atuar, de ser, de sentir e de relacionar-se de modo a "descontaminar-se" desse modelo individualista que tanto se apregoa.

É evidente que a problematização e a reflexão por si só, não chegarão a lugar algum, entretanto estas não devem ser um fim em si mesmas, mas sim uma semente, uma centelha, para que as pessoas possam "ampliar os seus olhares", conscientizando-se que o mundo com seus sistemas e suas formas de ação não são um modelo pronto e acabado, muito pelo contrário, podem desconstruir-se e reconstruir-se a todo momento; as idéias, as atitudes, os conceitos, os sistemas, enfim, nada é tão "engessado" ao ponto de não

poder ser questionado e, se necessário modificado, ainda que seja necessária muita luta, muita coragem e determinação.

Complemento a idéia com uma frase de Paulo Freire (apud BARRETO, 1998, p. 55):

"Ao perceber o ontem, o hoje e o amanhã, o ser humano percebe a consequência da sua ação sobre o mundo, nas diferentes épocas históricas. Se torna o sujeito da sua história e por isso responsável por ela."

Não se trata de um otimismo ingênuo, mas sim de uma nova forma de pensar que merece ser divulgada e discutida.

Guardadas as devidas proporções, é válido lembrar que Paulo Freire sempre foi chamado de utópico por suas idéias brilhantes, no entanto, pouco convergentes com o sistema ao qual pertencia, e mesmo assim não desistiu e conseguiu transformar as suas idéias em práticas transformadoras de ensino.

Para finalizar, vale pensar e repensar sobre a postura que se adquire no hoje, visando a história futura.

Referências Bibliográficas

BARRETO, VERA. Paulo Freire para Educadores. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

CASTANHO, MARIA EUGÊNIA. Universidade à Noite: fim ou começo da jornada?. Campinas: Papyrus, 1989, p. 21-29.

CORTELLA, MÁRIO SÉRGIO. Conhecimento Escolar: epistemologia e política. IN: CORTELLA, M. S. A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 4ª edição, 2001, p. 129-159.

LIBÂNEO, JOSÉ CARLOS. Os Significados da Educação, Modalidades de Prática Educativa e a Organização do Sistema Educacional IN: LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e Pedagogos, para quê?. São Paulo: Cortez: 7ª edição, 2004, p. 69-103.